“EU SOU PORQUE NÓS SOMOS”: IMAGENS DE DIVERSIDADE HUMANA COM BEBÊS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Nathalia BONANI (autora)*; Danitza Dianderas DA SILVA (Coautora)*
*Universidade Federal de São Carlos - UFSCar
Eixo 03 - Educação para as relações étnico-raciais
Agência Financiadora - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001
E-mail do primeiro autor: nbonani@estudante.ufscar.br

Palavras-chave: Bebês. Educação Infantil. Relações Étnico-Raciais

Objetivos

Os objetivos desta experiência pedagógica foram favorecer, desde os primeiros meses de vida, a construção da identidade e da empatia por meio de representações de diferentes grupos culturais e étnico-raciais, proporcionando momentos de interação visual e tátil com imagens reais de bebês de diferentes povos, promovendo reconhecimento de semelhanças e diferenças, identificação de rostos e expressões humanas.

Local de realização, período e participantes

A atividade foi realizada no Colégio de Aplicação da UFSCar na cidade de São Carlos, que atende crianças de 3 meses a 5 anos e 11 meses; a proposta contemplou exclusivamente bebês matriculados na turma do Berçário, que atende bebês de 3 meses a 1 ano de idade. Participaram bebês com faixa etária entre 6 meses e 1 ano, de ambos os sexos. A equipe envolvida incluiu a professora regente, auxiliar de classe e alunas do PIBID, incluindo a propositora e mediadora deste trabalho. A vivência foi planejada em novembro de 2025 e aplicada pontualmente dentro do semanário da professora regente.

Desenvolvimento das ações

Este relato de experiência foi elaborado segundo procedimento que articula teoria, prática profissional e método (PÁDUA, 2019). Inspirada no conceito de *Ubuntu,* filosofia africana bantu que tem seu significado popularmente traduzido como “eu sou porque nós somos” - expressando que a humanidade se realiza na solidariedade, no respeito e no

reconhecimento mútuo entre as pessoas, a vivência foi planejada para possibilitar que bebês tenham momentos que contemplem a diversidade cultural e étnico-racial presentes na vida humana.

Foi realizada uma curadoria, em bancos de acesso livre de imagens, rostos de bebês com diferentes características físicas, inseridos em diversos contextos culturais, para compor um quadro interativo. As imagens foram impressas, plastificadas e equipadas com pedaços de fita de velcro no verso; a base do quadro foi uma tela previamente pintada por bebês em atividade anterior com tintas naturais (feitas a partir de alimentos), onde também foram fixados os pedaços de velcro.

A vivência ocorreu em espaço organizado com tatame, garantindo conforto, segurança e liberdade de movimento. Após acolhimento e ambientação, foram distribuídas cerca de 20 imagens para acesso livre; a equipe nomeou elementos visíveis de forma simples e afetiva, destacando expressões faciais, tipos de cabelo e traços diversos, favorecendo reconhecimento inicial e familiarização com a diversidade representada. Bebês manipularam livremente o quadro, tocando, retirando e recolocando as imagens, respeitando seus interesses. A mediação foi dialógica, breve, acolhedora e responsiva, com enunciados que nomeavam ações e incentivavam descobertas (por exemplo: “onde estão os olhos do bebê?”, “você encontrou o rosto deste bebê?”). O encerramento ocorreu gradualmente, com a participação de bebês recolocando as imagens no quadro e um momento coletivo com música.

Resultados observados

A turma de bebês demonstrou curiosidade ao se aproximar da tela e das imagens, tocando-as com as pontas dos dedos, segurando-as e observando atentamente. Observou-se grande concentração visual durante a apresentação inicial do quadro, ampliando a atenção e favorecendo a percepção facial e o contato com a diversidade étnico-racial. Na interação livre, bebês manipularam ativamente as fotos com velcro. A exploração de um espelho supervisionado gerou respostas afetivas, como sorrisos, vocalizações e tentativas de tocar o próprio rosto refletido. Em várias ocasiões, bebês apontaram e disseram “bebê” ao identificar imagens ou colegas, sinalizando avanços no autorreconhecimento e no reconhecimento dos semelhantes.

Implicações para a prática pedagógica

A proposta alinha-se às diretrizes das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, oferecendo uma prática pedagógica que introduz, desde a primeira infância, contato intencional com a diversidade étnico-racial. Esse contato precoce contribui para a socialização inicial e para a formação de atitudes de respeito e reconhecimento das

diferenças, reduzindo vieses estereotipadas ao naturalizar a pluralidade no cotidiano institucional. A experiência alinha-se a Santos e Roquete (2022), que afirmam que as materialidades presentes no ambiente com bebês, como imagens e objetos, atuam na constituição de subjetividades de perspectivas étnicas. Desde os primeiros meses de vida de bebês já estão em processo de construção identitária, e as materialidades presentes atuam como dispositivos que podem reforçar ou desafiar visões eurocêntricas dominantes. Ao inserir imagens de identidades e características variadas de bebês, a proposta cria condições para que as subjetividades se constituam a partir de referenciais mais amplos, reconhecendo a diversidade de corpos como parte natural da humanidade. A mediação afetiva e nomeadora fortalece vínculos e práticas de reconhecimento, transformando representações visuais em experiências comunicativas significativas.

Argumentamos que práticas dessa natureza constituem uma práxis pedagógica porque articulam intencionalidade educativa, mediação qualificada e materiais significativos que permitem ações e reflexões ampliáveis no tempo. Ao inserir imagens diversas em rotinas sensoriais e lúdicas, a escola cria condições para a emergência de repertórios identitários e empáticos — elementos centrais para a formação de cidadãos antirracistas. Sugerimos que a prática seja integrada aos campos de experiência da BNCC (Brasil, 2018) relativos a “Corpo, gestos e movimentos”, “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, garantindo continuidade e intencionalidade curricular. Recomenda-se, ainda, registro sistemático das interações e formação continuada da equipe para introduzir conteúdos de relações étnico-raciais de modo ético e sensível.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

PÁDUA. *Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática*. 1. ed. Campinas: Papirus, 2019.

SANTOS, N. L.; ROQUETE, P. F. A constituição das subjetividades dos bebês: entre perspectivas eurocentradas e afrocentradas. In: NOGUEIRA, S.; TEBET, G.; SOUZA, E. (org.). *Giro epistemológico para uma educação antirracista*. 1. ed. São Carlos: Pedro e João Editores, 2022. v. 1, p. 1-581.

Nota: Trabalho desenvolvido no âmbito do PIBID – Núcleo de Pedagogia, sob coordenação das professoras Dra. Mariana do Berimbau e Dra. Giselle Modé Magalhães.